

Conclusão

Vi outro anjo poderoso, que descia do céu vestido de uma nuvem. Sobre a cabeça trazia o arco-íris, o rosto era como o sol e os pés como colunas de fogo e na mão tinha um livrinho aberto. Pondo o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra, gritou com voz poderosa, como leão que ruge. Ao gritar, falaram os sete trovões com as próprias vozes. Quando os sete trovões falaram, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu que me dizia: “Guarda em segredo o que falaram os sete trovões e não escrevas”. Então o anjo, que tinha visto de pé sobre o mar e a terra, levantou a mão direita para o céu e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, que criou o céu e tudo o que nele há a terra e tudo o que nela há o mar e tudo o que nele há: “Já não haverá tempo, mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a trombeta, o mistério de Deus se cumprirá, assim como anunciou a seus servos, os profetas”. A voz, que ouvira do céu, falou de novo e me disse: “Vai pegar o livrinho aberto da mão do anjo que está sobre o mar e a terra”. Dirigi-me para o anjo, pedindo que me desse o livrinho. Ele me respondeu: “Toma e come. Amargará teu ventre, mas em tua boca será doce como mel”. Peguei o livrinho da mão do anjo e me pus a comê-lo. Em minha boca era doce como mel, mas, depois de comer, senti amargas minhas entranhas. Disseram-me, então: “É preciso que profetizes de novo a muitos povos, nações, línguas e reis.”⁷⁴³

Os pressupostos teóricos da estética da recepção e do efeito de W. Iser, na compreensão de processos de leitura, no âmbito da teoria de estudos da literatura, foram explorados, em nossa Tese, para tornar operativos os princípios hermenêuticos desta relação, como fermento na discussão entre exegetas⁷⁴⁴.

Nesta ótica, situamos os pressupostos da *Exegese Bíblica em diálogo com estudos literários* como “produto” de um período de maturação no campo das

⁷⁴³Apoc 10,1-11. Sobre diversos aspectos este século, iniciado pelas discussões “milenaistas” incitadas pelo ano símbolo de 2000, fêz efervescer uma literatura que entrelaçou os temas da Bíblia e da Literatura. Em particular este livro que encerra a lista (cânon) dos livros bíblicos do Novo Testamento trouxe à tona inspirações para as modalidades da arte literária à cinematográfica. Tempo e Eternidade são conceitos-chave da estrutura narrativa deste livro, que sugere uma forma de fagocitose como modo adequado do ato-interpretans de sua mensagem, que ao seu tempo torna-se de novo, anúncio e nova leitura no tempo. VANNI, U., *Tempo e Eternità nell’Apocalisse. Tracce per una riflessione biblico-teologica*, in CASALEGNO, A. (cura), *Tempo e Eternità. In Dialogo con Ugo Vanni*, San Paolo, Milano, 2002, 25-72. Sobre as relações da produção historiográfica e o fenômeno dos Milenarismos: DOBRORUKA, V., *História e Milenarismo. Ensaio sobre Tempo, História e o Milênio*, UNB, 2004.

⁷⁴⁴THISELTON, Anthony C., *New Horizons in Hermeneutics. The Theory and Practice of Transforming Biblical Reading*, Zondervan, Michigan, 1992.

novas relações abertas entre a consciência de si mesma da Igreja Católica, desde 1963, data do histórico Concílio Vaticano II, e a longa e sinuosa atividade conjunta entre exegetas, filósofos e teóricos de literatura⁷⁴⁵.

Estas relações empreenderam uma renovação da interpretação de textos bíblicos. Tanto para a exegese, em seu esforço racional diante da discussão interpretativa e atualizadora de textos e contextos bíblicos, quanto para a Hermenêutica Bíblica, que,, por sua vez, “ressente” o resultado destas relações, com uma intensa elaboração na direção da formação de uma perspectiva autônoma da hermenêutica, até então exclusivamente teológica⁷⁴⁶.

De fato, a *hermenêutica bíblica* reside tanto na história do pensamento judaico, como naquele cristão. Em geral, a palavra hermenêutica está associada a antigas formas de atualizar e controlar a interpretação dos textos “canônicos”, aqueles escolhidos pela Comunidade, como sagrados e portadores de Mensagem religiosa normativa⁷⁴⁷.

Na perspectiva da exegese bíblica, o campo Hermenêutico identifica-se em grande parte ao método hermenêutico para chegar à intenção original de um escritor bíblico, ou para extrair do texto bíblico pensamentos úteis para a vida cristã. Do período do Iluminismo em diante, com suas questões específicas de leitura, a hermenêutica implica também a relação entre razão e fé, na interpretação bíblica⁷⁴⁸.

⁷⁴⁵Os efeitos do pós-68 em relação ao mundo da Bíblia e da interpretação, a partir de consciência mais atual da Igreja, foram expressos no Documento: “*A Interpretação da Bíblia na Igreja*”, Roma, 1993. Destaco entre as muitas análises aquela de ANGELINI, Giuseppe, (org.), *La Rivelazione Attestata. La Bibbia fra Testo e Teologia*, Glossa, Milão, 1998, 3-28; GRECH, P. et alii (ed.), *L’Interpretazione della Bibbia nella Chiesa, Atti de Simposio promosso dalla Congregazione per la Dottrina della Fede*, Vaticano, 2001.

⁷⁴⁶PESCE, M. *I Limiti delle teorie dell’unità letteraria del testo*, in in FRANCO, Ettore (org.), *Mysterium Regni. Ministerium Verbi*, EDB, Bologna, 2000, 89-108, espec. 91, nota 5.

⁷⁴⁷TREBOLLE, J. B., *A Hermenêutica Cristã*, in *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã. Introdução à História da Bíblia* (Tr.Port., *La Biblia Judía y la Biblia cristiana: Introducción a la historia de la Biblia*, Trotta, Madrid, 1993), Vozes, Petrópolis, 1996, 593-670; de acordo com os novos fluxos de “leitura” decorrentes dos estudos literários: SAENGER, P., *Leggere nel Tardo-Medievo*, in CAVALLLO, G., (ed.), *La Storia della Lettura nell’Occidente*, Laterza, Roma-Bari, 2004³, 117-154, PETRUCCI, A., *La Concezione cristiana del Libro fra il VI e VII secolo*, in G. Cavallo, *Libri e Lettori nel Medioevo. Guida Storica e critica*, Laterza, Roma-Bari, 2003⁵, 3-26.

⁷⁴⁸GRECH, Prosper, *Il Messaggio Biblico e la sua Interpretazione*, EDB, Bologna, 2005.

Com Lutero e a Reforma Protestante, inicia-se um novo ciclo na história da Hermenêutica Bíblica⁷⁴⁹. O próprio contexto da invenção da imprensa, alterando as condições e formas da comunicação literária no século XVII⁷⁵⁰, é, para alguns autores, um dos elementos que contribuiu para uma significativa mudança da leitura interpretativa da Bíblia na Europa moderna, com efeitos significativos para exegese bíblica.

A hermenêutica bíblica deste período pode ser definida como uma passagem da autoridade (Igreja) para a razão (sujeito). Importa, para a perspectiva da hermenêutica bíblica ocidental, a desvinculação deste método em relação à Igreja de Roma e, sobretudo, com a *Tradição* dos Padres (II^o ao VIII^o séc. d.C).

A leitura da Bíblia entre os protestantes segue a tendência do Humanismo ao igualar-se com os critérios de leitura do ambiente de textos clássicos. Daquele momento em diante, começa a transformar-se no método interpretativo da Sagrada Escritura, numa disciplina independente, tendo como objeto obras literárias ou artísticas.

Assim, desde o século XVI, com o cisma da Reforma, a história da interpretação das escrituras sofre uma mudança significativa. De um lado, o novo suporte de leitura impressa da Bíblia, primeira obra de Guttemberg⁷⁵¹, do outro, novos critérios de interpretação, não mais baseados da autoridade, mas na razão ou piedade subjetiva⁷⁵².

A Bíblia torna-se também, livro de muitos. Um livro materialmente acessível, também pelo idioma, e pela interpretação religiosa subjetiva⁷⁵³.

⁷⁴⁹GILMONT, F., *Riforma Protestante e Lettura*, in CAVALLO, G., *Storia della Lettura*, Laterza, Roma-Bari, 2004, 243-275; REVENTLOW, H.G., *La Bibbia nel periodo della Riforma*, in *Storia dell'Interpretazione*, vol.3, Piemme, Casale Monferrato, 1999, 91-272; HILL, Ch., *A Biblia Inglesa e as Revoluções do século XVII*, Civilização Brasileira, RJ, 2003.

⁷⁵⁰GUMBRECHT, H.-U., *O autor como máscara. Contribuição à arqueologia do impresso*, in *Modernização dos Sentidos*, 34, SP, 1998, 97-108.

⁷⁵¹DOCTORS, M., *A Cultura do Papel*, Casa da Palavra/Fundação Klabin, RJ, 1999; MANN, J., *A Revolução de Guttenberg*, Ediouro, RJ, 2004; BURKE, P., *Uma História Social do Conhecimento. De Guttenberg a Diderot*, J. Zahar, RJ, 2003.

⁷⁵²GUMBRECHT, H.-U., *A razão fugando do Imaginário*, in *Modernização dos Sentidos*, 139-154, neste sentido, as críticas aos fundamentos filosófico-científicos do Método histórico-crítico provêm de esferas contrárias à forte influência do pensamento *positivista e cientista* sobre a exegese bíblica, que irá marcar a produção interpretativa da maioria dos exegetas, a partir do século XVIII. Sobre esta fuga da razão e os efeitos sobre o estudo do contexto religioso nos estudos literários: ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, Martins Fontes, SP, 1996, espec., 5-22.

⁷⁵³HIRSCH, R., *Stampa e Lettura fra il 1450 e il 1550*, in PETRUCCI, A., *Libri, editori e pubblico nell'Europa moderna*, Laterza, Roma-Bari, 2003², 1-50.

Diante disso, a exegese bíblica não poderia eximir-se do âmbito da história da razão, de seus percursos em busca de novos horizontes na superação das fronteiras⁷⁵⁴ impostas pelas aporias da compreensão mutante e plural, tão características da realidade e de textos atuais⁷⁵⁵.

A maior contribuição de nossa Tese, diante da consciência atual das relações entre exegese bíblica e teorias literárias é aquela de afirmar o âmbito da hermenêutica literária atual na implicação da interpretação bíblica. Explicitamos a consciência que a exegese precisa lidar com teorias contemporâneas acerca do estatuto do texto literário. O caminho da exegese bíblica é chamado a uma renovação tendo em conta a hermenêutica filosófica contemporânea, que evidenciou a implicação da subjetividade na consciência, especialmente na consciência histórica. E que a atividade exegetica de textos bíblicos não pode ignorar uma teoria hermenêutica que permita a incorporação de métodos de crítica literária e histórica organizados em modelo de interpretação mais amplo. Toda a exegese de textos é chamada a ser completada por uma “hermenêutica”⁷⁵⁶.

A escolha da teoria de Iser exprime a ênfase sobre a mudança de paradigma neste período marcada, então, pela passagem do formalismo e do estruturalismo, com seu acento no sistema textual, para o pós-estruturalismo e as teorias do leitor e da leitura, nas quais a ênfase é movida do texto para a configuração de leitores e de leituras comunitárias. Nesta perspectiva, a teoria de Iser identifica-se com uma atitude de exegetas atuais e, talvez, da própria exegese bíblica como tal, ao chamar a atenção para o papel ativo da comunidade de leitores, construindo aquilo que conta para eles: aquilo que o texto significa. Exegese como atualização⁷⁵⁷.

Neste sentido, partindo do ponto de vista da interpretação bíblica, a teoria iseriana de processos de leitura constitui uma contribuição potencialmente positiva

⁷⁵⁴GUINZBURG, C., *Os Queijos e os Vermes*, Companhia das Letras, SP, 2002³, PAOLINI, L., *L'Eresia e L'Inquisizione. Per una Complessiva Riconsiderazione de Problema*, in CAVALLO, G., *Lo Spazio Letterario nbe Medioevo*, Vol.II, 361-405.

⁷⁵⁵THISELTON, A., *From Semiotics to Deconstruction and Post-Modernity Theories of Textuality*, in *New Horizons in Hermeneutics*, 81-141.

⁷⁵⁶Este trabalho foi apontado pela discussão com Paul Ricoeur e Luigi Pareyson, ambos, em busca de um sistema hermenêutico aberto às questões “ontológicas”, pressupostas na leitura de textos “sacros” e canônicos, em particular, daqueles bíblicos.

⁷⁵⁷ORECCHIA, C., *Univocità e polisemia del Testo biblico nella Storia dell'Interpretazione*, in ANGELINI, G., *La Rivelzione Attestata*, 99-132. No universo da consciência judaico-cristã, como a encontramos nas Sagradas Escrituras, trata-se da inserção de culturas “estrangeiras” na formulação de conceitos religiosos. SIMIAN-YOFRE, Horácio, *L'Assimilazione di culture straniere nella S. Scrittura*, in GRECH, P. *L'Interpretazione della Bibbia nella Chiesa*, 90-105.

por causa dos modelos nos quais se dá ênfase sobre a realidade participativa e ativa do papel de leitores, na suas relações com textos ficcionais, algo imprescindível na leitura de textos religiosos e, sobretudo, nas relações da interpretação bíblica.

Em termos teológicos, esta teoria parece ser coerente com expectativas de leitores de textos bíblicos, que entendem constituir não um exercício para expectadores passivos, mas um evento e um processo criativo⁷⁵⁸.

Iser desenvolve a noção de que o leitor atualiza e concretiza dimensões de significação que, de outra maneira, seriam somente potenciais mais que atuais. Para Iser, efeitos e respostas são propriedades tanto de textos como de leitores, o texto representa um efeito potencial que é realizado em processos de leitura⁷⁵⁹.

Enquanto processos de leitura envolvem a re-organização ou agrupamento de sistemas de pensamento invocados pelo texto, a obra literária permanece, para Iser, potencialmente um ato comunicativo. Para descrever o processo de leitura, é necessário iluminar operações em que o texto é ativado, no leitor. Ele utiliza a imaginação do leitor, suas percepções, sua capacidade de criar sinopses e ajustar cada situação aos focos respectivos.

Iser sublinha o aspecto de instabilidade e o *status* de indeterminação independentemente, da atualização no processo de leitura. A “atualização” é o resultado da interação entre o texto e o leitor.

Nossa tese, examinou-se e conferiu-se de que maneira a abordagem de Iser oferece um amplo paralelo com nossos comentários de “atualização” de textos bíblicos no tempo/horizonte de leitores/ouvintes. A teoria iseriana da interação entre leitores e textos literários possibilitou-nos um re-exame da atualidade de textos narrativos, dos quais se destaca a linguagem parabólica e textos mais complexos, como aquele do Evangelho de João ou do Apocalipse⁷⁶⁰.

⁷⁵⁸THISELTON, A., *Transforming Texts: Preliminary Observations*, in *Ne Horizons in Hermeneutics*, 31-53, p. 31: “*Texts can actively shape and transform the perceptions, understanding, and actions of readers and reading communities. Readers and Interpreter may also endow texts with new life in the context of new situation.*”

⁷⁵⁹ISER, W., *Problemas da teoria da Literatura Atual: o Imaginário e os conceitos-chave*, in COSTA LIMA, L. (org.) **Teoria da Literatura em suas Fontes**, vol. 2, Civilização Brasileira, RJ, 2002³, 927-954.

⁷⁶⁰Indiscutível a influência do texto/contexto “apocalíptico” sobre as literaturas utópicas no Ocidente: BLOCH, E., *The Utopian Function of the Art and Literature*, MIT, Cambridge, 1996⁴.

Uma primeira exemplificação vem de Susan Wittig⁷⁶¹, num artigo dedicado às questões de narrações polivalentes, no qual a autora explora as perspectivas semióticas oferecidas por C.S. Peirce e Charles Mores, notando o papel do *axe* pragmático ou retórico, entre emissor e receptor. Polivalência argumenta a autora, é gerada, inicialmente, em diferentes perspectivas da parte de sucessivos receptores; segundo, por múltiplos códigos nos quais se produzem múltiplas significações; e terceiro, pelas relações interativas entre mais de um sistema semiótico. Uma parábola desenvolve ao mesmo tempo em uma tensão polivalente o referencial ou sistema semiótico literal do mundo de cada dia, e o sistema contribui para que o leitor se torne co-autor com o texto de dupla conotação⁷⁶².

Wittig, tomando aspectos da abordagem de Iser, observa que a falta de conexões sintáticas ou semióticas e a omissão de detalhes convidam o leitor a estabelecer conexões, que o texto não lhe oferece. Ela considera, como exemplo, a parábola do filho pródigo. Lucas 15,11: E ele disse: um homem tinha dois filhos. As dimensões de “aplicação” ou extensão “metafóricas” são instáveis, mas coerentes com a “finalidade” ou “propósito” da parábola⁷⁶³.

Esta finalidade consiste em não criar uma particular significação, mas favorecer as condições sobre as quais a criação de sentido pode ser definida e examinada por cada perceptor. Esta tem sido a preocupação de Iser, que se exprime na forma de uma heurística da interpretação. Em outras palavras, a parábola expõe o auto-conhecimento, porque a maneira como o leitor, com seu imaginário, completa o significado, constitui parte da função reveladora e do auto-envolvimento sugerido pela parábola⁷⁶⁴.

Em relação à exegese de textos do Evangelho de S. João, nota-se que o leitor deve fazer sua leitura em forma de deslocamentos. Através do narrador, o

⁷⁶¹ *A theory of Multiply Meanings*, *Semeia* 9, 1977, 75-105.

⁷⁶² Sobre as questões das relações entre a teorias da Linguagem e a Interpretação do Texto Bíblico: WILSON, R., *Of Words and Meanings*, in PORTER, E. S., *Text and Language*, Sheffield, 1997, 107-113.

⁷⁶³ RICOEUR, P., *Ermeneutica filosofica e Ermeneutica biblica*, in *Dal Testo all'Azione. Saggi di Ermeneutica*, Jaca Book, Milano, 1983, 115-132.

⁷⁶⁴ ZUMSTEIN, J., Parábola, in LACOSTE, J.-Y. (ed.), *Dicionário Crítico da Teologia*, Loyola/Paulinas, SP, 2004, 1340-1343, considera parábola, p.1340, “modo de expressão literário e teológico de Jesus histórico”. Além das relações com metáforas e comparações. Um estudo atualizado e bem completo sobre esta forma ou gênero no ambiente literário do Novo Testamento e suas relações com outros ambientes: CASCIARO, J.M., *Para uma hermenêutica de las Parábolas evangélicas*, in FRANCO, E. (org.), *Mysterium Regni. Ministerium Verbi*, EDB, Bologna, 2000, 323-344.

autor envia sinais nos quais estabelece expectativas, distâncias e intimidade que poderosamente afetam o senso de identificação e envolvimento do leitor. O foco de interesse do texto em S. João não funciona como uma janela para dentro da comunidade joânica, mas como um espelho no qual se vê o mundo. A finalidade ou propósito implícito da narrativa evangélica de S. João é uma antiga irrevogável pretensão do evangelista, aquela de alterar as percepções do leitor: *to 'see' the world as the evangelist sees it.*⁷⁶⁵

Neste processo de leitura do Evangelho de João, o leitor moderno deve entrar no jogo imaginativamente⁷⁶⁶. Se necessário, através da “pretensão” de penetrar naquilo que o evangelista assumiu aos seus leitores, no primeiro século. A exegese se abre ao processo que evidencia que “leitor implícito”, leitor-construído, para aquilo que texto opera, incorporadas todas as predisposições necessárias para uma obra literária exercer seu efeito, encontram-se, no texto, convites para compartilhar percepções

A superação da indispensável etapa diacrônica na exegese de textos bíblicos adquiriu, com a exploração ainda incipiente das possibilidades da teoria de Iser, o empenho em continuar naquele complexo caminho, entre a hermenêutica adquirida, nos séculos, e a novidade que chega às mentes de seus leitores atuais⁷⁶⁷.

O Diálogo da Exegese bíblica, com métodos literários, é uma tarefa à inteligência e à sensibilidade de exegetas. Estes interagindo com literatos e filósofos devolvem, com seu trabalho, não somente a produção de sentido de textos bíblicos, mas também, nesta situação, a colaboração e a participação da ativação do universo imaginário e criativo de leitores contemporâneos, incluindo,

⁷⁶⁵CULPEPPER R. A. **Anatomy of the Fourth Gospel A Study in Literary Design**, Fortress Philadelphia, 1983, 6-9,20-27, 54-70. Uma avaliação sobre a pesquisa deste autor no conjunto dos estudos literários sobre o Evangelho de S. João, LEON-DUFOUR, X. *Ou en est la recherche johannique? Bilan et Overtures*, in MARCHADOUR, Alain **Origine et Posterité de L'Évangile de Jean**, Cerf, Paris, 1990, 17-42, espec. B. *Approche littéraire* e C. *Approche Sémiotique*, 31-36.

⁷⁶⁶Mesmo considerando como indispensáveis as indicações sobre o conceito de *imaginação* na perspectiva *iseriana*, apoiamo-nos também em outras constelações teóricas, ao abordar as relações entre imaginação e exegese: RICOEUR, P., *L'Immaginazione nel discorso e nell'azione*, in *Dal Testo all'Azione*, Jaca Book, Milano, 1983, 205-228, LE GOFF, *L'Immaginario Medievale*, in CAVALLO, G., (org.), *Lo Spazio Letterario del Medioevo. I. Il Medioevo Latino*, vol. IV. *L'Attualizzazione del Testo*, Salerno, Roma, 1997, 11-42.

⁷⁶⁷PESCE, M. *I Limiti delle teorie dell'unità letteraria del testo*, in in FRANCO, Ettore (org.), **Mysterium Regni. Ministerium Verbi**, EDB, Bologna, 2000, 89-108; RATZINGER, J., *L'Interpretazione Biblica in Conflito. Problemi del Fondamento ed orientamento dell'esegesi contemporanea*, in PACOMIO, L., *L'Esegesi Cristiana Oggi*, 93-125.

no âmbito da interação ficcional, os textos bíblicos, em sua natureza, exigentes de atualização.

Trata da “fusão” de horizontes entre leitores, autores e textos”, a partir da provocadora categoria da Intencionalidade, tão cara ainda às relações hermenêuticas da Fenomenologia?⁷⁶⁸

⁷⁶⁸ARENS, E., «*Intentio Textus*» und «*Intentio Auctoris*»,199-202, “Gegenüber ebenso dezidiert wie einseitig leserorientierten Auffassungen suchenrezeptionästhetische Ansätze, zwar die produktive Rolle des lesres herauszuarbeiten, diese indes aan die Vorgaben des Textes zu binden.”